

O Mulatismo Flamboyant

Apropriações do futebol como expressão da formação social brasileira

TIAGO J. F. DE ALBUQUERQUE MARANHÃO*¹

INTRODUÇÃO

O esporte moderno é um território repleto de mitos poderosos, que cria e recria em uma base diária os heróis épicos e histórias, construindo uma das culturas mais influentes na era globalizada. Alguns esportes (entre os quais o Futebol) se tornaram mais do que meros jogos. Eles brilham com luz própria, e se transformaram, ao longo do século passado, em lúdicos rituais religiosos de enormes proporções que, cada vez mais fortemente, exercem uma forte influência na construção da identidade nacional contemporânea.

O processo de construção de uma nação é um tecido formado por diferentes tendências políticas, econômicas e sociais ancoradas em símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade. E hoje, as comemorações do futebol participam ativamente na formação e no reforço do sentimento de coletividade, a nação, o "nós" que está localizado superficialmente e além das consciências individuais.

O caso do Brasil, um dos muitos estados-nação onde o futebol é vivido à escala religiosa, é um bom exemplo de como esse esporte (metáfora de guerra e luta pelo poder social), e as ações que o cercam e onde é desenvolvido, foi transformado em um recipiente enorme de signos através dos quais podem ser vislumbrados alguns dos segmentos que tecem e formam a imagem nacional. O futebol é mais que um jogo no Brasil. É, como no título do livro de Alex Bellos (2002), "o meio de vida do brasileiro".

Brasileiros jogam futebol em cada rincão do país: na escola, nas praias, nas ruas, nas favelas, nos condomínios e até entre os carros. A partir de formatos de lazer, criam

*Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol (NESF-UFPE);

Doutorando em História Contemporânea – Universitat Autònoma de Barcelona;

Mestre em Ciência Política – Universidade de Lisboa;

Graduado em História – Universidade Federal de Pernambuco.

torneios e campeonatos organizados, desde o básico até os níveis profissionais, que envolvem grandes quantidades de patrocínio e dinheiro. O futebol é destaque em qualquer tipo de mídia, todos os dias. O país para durante a Copa do Mundo. Escolas, bancos e os tribunais são fechados. Todos estão assistindo "o jogo".

No contexto brasileiro, a análise das comemorações de futebol permite uma abordagem privilegiada para o processo de construção da identidade nacional baseada em um sistema de "democracia racial", geralmente considerado um modelo a seguir e muito mais agora, quando palavras como “multiculturalismo”, “multirracialismo” ou “mestiçagem” aparecem com força nos discursos das mais diversas lideranças.

OBJETIVOS

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho é discutir as ideias de Gilberto Freyre sobre a invenção do “futebol mulato” (título de um artigo publicado por ele no Diário de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França). Assim, pretendemos discutir, setenta e três anos depois do artigo de Freyre, sua importância e como ele influenciou as representações sociais sobre o futebol brasileiro ao redor do mundo.

Freyre foi um dos mais influentes cientistas sociais brasileiros do século passado, e suas ideias sobre “raça” têm sido estudadas e reverenciadas desde o início do século XX até hoje. Freyre também escreveu sobre esporte, principalmente o futebol, e seu lugar na formação da identidade brasileira.

Assim, a partir discurso racial e étnico de Gilberto Freyre, e suas considerações sobre a natureza do "mulato" brasileiro, outro objetivo aqui é discutir suas ideias e pensamentos que, sete décadas depois, ainda estão vivos no debate intelectual sobre a etnia e questões raciais no futebol brasileiro. É este um futebol realmente “mulato”?

O recente livro do professor José Miguel Wisnik (2008) tenta reabrir o debate sobre os conceitos do futebol jogado em todo o mundo. As ideias que Wisnik apresentou em seu livro (que teve uma enorme promoção por parte dos mais importantes jornais brasileiros) em resumo recupera o principal argumento de Gilberto Freyre, o de que o futebol brasileiro é um tipo de poesia, enquanto que o futebol jogado na Europa tem o estilo de prosa. O segundo vai para frente e para a meta, enquanto que

o primeiro gosta de enfeitar e supervalorizar seus movimentos, como uma dança entre os pés e a bola. Podemos ver nestas características apontadas por Wisnik as mesmas ideias e pensamentos que Gilberto Freyre expressara mais de setenta anos atrás.

Tentaremos, pois, explorar a ideia de Freyre e as construções raciais no futebol brasileiro.

UMA NAÇÃO DE MULATOS

A política de segregação racial, que sob um ou outro discurso permanece em vigor até hoje na sociedade brasileira, passou por mudanças importantes nas primeiras décadas do século XX. A então teoria do "processo de clareamento" ou "branqueamento" da população brasileira, promovida pela aristocracia, foi amplamente espalhada e defendeu a eliminação dos componentes afro (negro) e indígenas no processo de construção de um país (Brasil) que teve de assistir apenas ao modelo europeu de progresso e cultura em um espaço pensado por eles como requintado e racional.

Os contingentes negro e indígena foram mostrados como pessoas responsáveis pela pouca coesão da identidade social e pelas enormes dificuldades de desenvolvimento na economia. Em particular, os negros/mulatos, que foram "libertados" de sua condição de escravos em 1888, foram considerados pelas elites como seres insolentes, loquazes e imaginativos, aptos para a celebração, o desvio e a luxúria, mas sem persistência, nem capacidade de aprendizagem para o trabalho.

Todas as manifestações culturais "não-brancas" foram sistematicamente desqualificadas como símbolo de selvageria, de propriedade de um mundo maligno e essencialmente sensual, primitivo, que não tinha capacidade na perspectiva oficial de "europeização". Os ritos do candomblé, da capoeira e do samba, práticas todas elas de origem afro-brasileira, foram totalmente proibidas e severamente reprimidas no espaço público.

O mapa mudou com o surgimento de ideologias nacionalistas, centralizadas e antimonárquicas que caracterizaram as elites burguesas enriquecidas nas trocas interatlânticas. A "revolução nacionalista" de 1930, comandada por Getúlio Vargas, pautada no padrão da industrialização, da modernização e da conciliação do país, criou novas estratégias econômicas e sociais destinadas a promover uma ideia comum de

Brasil, que aglutinaria as diferenças abissais existentes em todos os escopos. Pouco menos de trinta anos, algumas das manifestações não-brancas, antes ridicularizadas e desprezadas, foram transformadas em símbolos nacionais e motivo de orgulho e fervor preservacionista para o "povo brasileiro".

A identidade brasileira, a partir de uma perspectiva cultural, foi construída sobre a base de uma série de trocas simbólicas em que um dos principais protagonistas foi o mulato/negro de origem africana. Em um curto espaço de tempo a figura do negro afro-brasileiro surge a partir da humilhação contínua (que lida com a escravidão, perseguições, torturas, marginalização social, etc.) para ocupar um espaço diferente no folclore e na cultura popular da nação. E as manifestações lúdico-festivas como o Samba, o Carnaval e o Futebol, constituíram o espaço privilegiado para realizar essa transformação, ou invenção.

A figura simbólica do mulato, algo como um mediador nas relações de conflito social entre as diferentes esferas culturais, está diretamente vinculada ao significado social do futebol, atividade através da qual o "ser brasileiro" se manifesta com maior intensidade.

O mulato passou a ser considerado o criador e o símbolo da "brasilidade", o orgulho brasileiro. As Ciências Sociais tiveram uma participação ativa na irrupção deste componente "racialmente misto". Através delas, a base teórica foi concebida sobre o que seria uma base positiva, sobre a comprovação dos afro-brasileiros como o eixo de um novo modelo social destinado a equipar o Brasil com "brasilidade". Nesse campo, as teorias do antropólogo e sociólogo Gilberto Freyre sobre a mestiçagem podem ser consideradas como os pilares mais sólidos para a mudança de rumo durante o processo de construção da identidade nacional brasileira. Sua perspectiva inovadora não concebeu a ideia da superioridade da "raça branca".

A perspectiva de Gilberto Freyre foi demonstrada muito claramente em um artigo perspicaz, escrito por ele em 1938 para o Diário de Pernambuco (vinculado aos Diários Associados). No artigo "Foot-ball mulato" Freyre sustenta que o futebol jogado no Brasil, em oposição ao futebol jogado na Europa, era uma espécie de dança, onde o ser humano pudesse brilhar. O futebol europeu, segundo as ideias de Freyre, seria muito mecanizado.

Quando Freyre escreveu nesse artigo que o mulatismo do futebol brasileiro representaria o real domínio psicológico do povo brasileiro (“ser brasileiro é ser mulato”, disse Freyre), ele também foi abrindo o caminho para um pensamento social muito forte, uma mentalidade que tem sido construída sobre esta profunda e marcante manifestação cultural brasileira que é o futebol.

GILBERTO FREYRE E O BRASILEIRO RACIALMENTE MISTO

Segundo a teoria de Gilberto Freyre, o Brasil era e seria sempre "racialmente misto", e "a mestiçagem original" não só deveria catalisar o sentimento nacional, mas também deveria ser, simultaneamente, motivo de orgulho e reivindicação de especificidade. Antes vista como degenerativa e causa dos grandes males comuns, a mestiçagem passa a ser interpretada como um processo positivo em torno de brasileiros que inventam uma nova tradição, a sua própria identidade.

Freyre construiu o seu discurso como um processo de pesquisa e preservação da "autenticidade do povo brasileiro" renunciando ao unilateral pensamento europeu e enfatizando a importância de transformar os elementos lúdicos ao atuar onde os indivíduos apresentam suas paixões mais abertamente. Por esse motivo, ele foi o principal responsável pela construção de uma "ideologia racial mista" através da qual se constitui o "jeitinho brasileiro de ser" (brasilidade), que pode ser controlada em sua ativa participação no âmbito do futebol.

Desde que a prática do *foot-ball* começou a ter uma dimensão internacional, Freyre trabalhou como um colaborador em jornais e revistas a partir dos quais expressou com fervor a posição vantajosa de um futebol racialmente misto. Este "futebol mulato" seria como uma condição indispensável para o surgimento de um "estilo próprio" de jogar futebol, moldando uma especificidade distinta, construída em um jogo de oposição em relação ao "estilo europeu". No entanto, a eleição do negro/mulato como um símbolo distinto, entre muitas outras possibilidades disponíveis, permite-nos apreciar o ponto em que a cultura popular brasileira foi inventada e tem sido definida no outro lado do Oceano Atlântico.

POESIA, FUTEBOL-ARTE E O MULATO - UM DISTINTO CASO BRASILEIRO.

A participação intensa e ativa de artistas modernistas europeus na "descoberta do negro" fomentou a sua inserção definitiva e protagonista no palco dinâmico de construção da identidade brasileira. O súbito interesse de uma parte importante da *intelligentsia* francesa sobre o mundo africano afetou diretamente o caso afro-brasileiro e a cultura negra, completamente desprezados e invisíveis dentro do mundo artístico até aquele momento.

Na Europa dos anos 1920, a "negrophilia" foi um período vivido em uma avalanche de mudanças e de um contexto que foi criado e causado pela irrupção na cena europeia de algumas figuras negras evocativas como os *jazzmen* e os boxeadores, por exemplo. O espetáculo (em sentido amplo) foi a porta pela qual a cultura negra foi introduzida nos salões das elites.

Na dinâmica etapa de construção de um "caráter racialmente misto" como um dos vértices da nacionalidade brasileira, a integração, a "espetacularização" e a "esportivização" dos ritos lúdicos, relacionados com os corpos negros/mulatos, têm um papel crucial. A abertura dos espaços sociais para os setores mais desfavorecidos e, em teoria, desestabilizados, está ligada ao ritual festivo e ao espetacular desempenho (especialmente na música e no esporte) que constituem os principais centros de mediação nos quais a "democracia racial" de Gilberto Freyre é celebrada.

No presente momento um sentimento generalizado é facilmente notado, o que associa a prática do futebol no Brasil e a paixão que este esporte exerce entre os brasileiros com características naturais ou inatas. Esta imagem sobre o futebol brasileiro pode ser observada, inclusive, a partir de outros países. A habilidade dos jogadores de futebol brasileiros seria uma dádiva de sangue, uma marca racial que, simultaneamente, os caracteriza e que os distingue dos outros seres humanos. A "natureza" do povo brasileiro é jogar futebol, e em competições internacionais é quando o Brasil mostra a sua face para o mundo. Os brasileiros pensam que têm o dom natural para jogar futebol, o futebol mulato nasceu no Brasil - este é o poderoso mito que Freyre ajudou a espalhar.

Kevin Hylton (2009) afirma que, especialmente no esporte, as capacidades humanas são sempre naturalizadas, a partir das características físicas e psicológicas de cada pessoa ou grupo social. E o autor concorda que, a partir destas características, as

peessoas tentam fazer previsões sobre quem vai vencer ou falhar na arena esportiva. Com este referencial, e nomeando muitos atletas cuja conduta (dentro e fora das quadras esportivas) contradiz todos os estereótipos raciais (como os bons futebolistas asiáticos, ou excelentes jogadores de basquete “brancos”, ou mesmo negros campeões de golfe), o autor percebe, paradoxalmente, que "as estruturas sociais racializadas do esporte contribuem para a forma como se constroem e vivenciamos a nossa 'identidade' e as dos outros" (Hylton, 2009: 1).

A identificação no âmbito nacional com a Seleção Brasileira de futebol (conhecida como "A Seleção"), cujas performances paralisam o país e cujas vitórias geram massivas e conturbadas celebrações, permite a evocação de uma "unida nação brasileira", sob as mesmas cores, os mesmos ídolos e a mesma mensagem. Deve-se enfatizar que quando falamos em "paralisar a nação" estamos dizendo que tudo para, incluindo bancos, escolas e tribunais, para ver "o jogo" e "A Seleção".

No que diz respeito às definições construídas para o modo de jogar futebol no Brasil, Gilberto Freyre priorizou categorias formuladas com base em características raciais associadas à "mestiçagem" (a miscelânea racial). Assim, nos últimos setenta anos, foi construído o discurso de uma "forma de ser" do futebol brasileiro, midiaticamente conhecido como "futebol-arte" em que os corpos negros/mulatos foram "valorizados" como os principais criadores de tal estilo. A categoria de Arte aplicada ao futebol brasileiro começou a tomar força quando esta ideia foi transformada no veículo privilegiado da projeção do Brasil numa escala planetária. Principalmente graças aos triunfos sucessivos nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970. O futebol brasileiro começou a ser descrito como "uma maravilhosa obra de arte" feita a partir da "mestiçagem" e da participação ativa dos negros/mulatos.

A construção da categoria "mulato" foi vinculada à busca de uma forma esteticamente diferente e "autêntica", que revelou o *ethos* brasileiro. Nesse sentido o futebol, que é (entre muitas outras coisas) a dramatização de uma disputa entre os corpos, apareceu como um campo perfeito para que o "verdadeiro corpo brasileiro", finalmente pudesse ver "a luz".

A história do futebol brasileiro tem sido considerada como o conflito do "futebol arte" *versus* "o futebol força" quase sempre por trás do qual se eleva o desejo de

simbolizar outro amplo sistema de oposições: a "irracionalidade" da sociedade brasileira *versus* a "racionalidade" que caracterizaria a Europa e o Ocidente em geral.

Para os teóricos do futebol brasileiro, o jogo ideal é uma espécie de "futebol dança", que necessariamente deve incluir a capacidade de improvisação elástica dos mulatos. Gilberto Freyre disse que

“[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha” (FREYRE, 1945 In COUTINHO, 1994: 53-60).

O desejo de Freyre de estabelecer uma clara diferença entre o "europeu" e "o brasileiro", baseado em uma estratégia nacionalista, tinha a intenção de apresentar/exibir uma maneira própria e distinta de jogar futebol, relacionada a uma estrutura social rebelde a excessos de organização interna e externa; rebelde a excessos de uniformização e totalitarismos que fizessem desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. O ortodoxo jogo "apolíneo" do povo inglês tornou-se (de acordo com Gilberto Freyre) a simbologia do futebol brasileiro, "uma dança dionisíaca". Isso pode ser visto, também, como um espaço de resistência como Lefebvre (1991) conceitua; espaço onde os brasileiros podem resistir à influência europeia e serem eles mesmos. Mais do que apenas nos campos esportivos, o fato de que os brasileiros jogam futebol em todos os lugares pode ser visto como uma forma de resistir e promover a sua própria “cultura mulata”.

O futebol europeu, com base em valores como a objetividade, velocidade, força e resistência seria determinado através de métodos científicos de treinamento físico e técnico. O importante seria o conjunto (a equipe) que deve executar com sobriedade e eficácia as táticas do jogo (antes desenvolvidos na teoria). A disciplina tática e atlética

constitui o valor supremo. Os jogadores devem estar unidos, não descansar e dificilmente serem abatidos.

O Futebol-arte, por outro lado, deve ser representado de uma forma muito diferente. As qualidades "instintivas" e "naturais" de habilidade, toque de espontaneidade e malícia foram atribuídas ao jogador brasileiro. A capacidade de improvisação e o talento individual produziram um futebol "bonito", um esporte de exibição.

Como Roberto da Matta sustenta, a divisão que se estabelece entre os conceitos de "futebol-arte" e "futebol-força" tem uma relação com a resistência entre a "racionalidade da Europa Ocidental" e uma sociedade como a brasileira, que se articula com base na relação entre o mágico e o mundo sobrenatural:

Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino conseqüentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a ideia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnalizante. De um lado há a ideia Ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a ideia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo encantado, onde os deuses existem e falam com os homens. (DAMATTA, 1995: 7)

Este jogo de oposições também é transferido para o campo dos fãs, os outros protagonistas da grande festa do futebol no Brasil. Desta forma, a auto-percepção que os adeptos têm sobre como eles torcem é muito relacionada com os aspectos citados acima, que opõem à racionalidade ocidental contra uma suposta "essência irracional" da sociedade brasileira. Contra os entusiasmados, musicais e dançantes fãs do Brasil, haveria os fãs estáticos, frios e críticos da Europa. Atualmente, é possível ver que essa imagem não é a imagem da realidade.

FUTEBOL MULATO – AS IDEIAS DE FREYRE E OS JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL

Anos de Copa do Mundo são invariavelmente especiais para o Brasil. A identidade nacional brasileira, a partir de uma perspectiva cultural, foi construída sobre

a base de uma série de trocas simbólicas em que um dos principais protagonistas foi o mulato de origem africana.

No entanto há, ainda hoje, alguns formadores de opinião que "acreditam, implicitamente, num Brasil mais branco, mesmo que tenha deixado de ser respeitável falar nisso, vivendo com um certo legado intelectual do compromisso que seus pais e avós fizeram um dia com a teoria racista" (SKIDMORE, 1976: 239). A questão racial ainda é muito presente na sociedade brasileira e merece atenção especial de todos os seus segmentos. Dentro dessa perspectiva, esse conteúdo pode ser uma parte do esporte e tornar-se altamente funcional no processo político de imaginar a comunidade. Por ser um marco da identidade cultural brasileira e um produto de um projeto político e cultural dirigido pelo governo e pelas classes políticas nacionais para a sociedade, o futebol merece ser observado desde o seu estado histórico e cultural e desde o seu papel na criação de uma identidade brasileira.

Por isso, é necessário refletir mais profundamente sobre o discurso de Gilberto Freyre sobre o futebol brasileiro e sua análise racial em relação a isso, porque existem algumas ideias que são repetidas constantemente, como por exemplo: "o estilo do jogador brasileiro de malandragem, de ginga" ou ainda "o futebol bailarino, de dança afro-brasileira, com driblagem". Estas expressões criam no imaginário coletivo (FIGUEIROA, 2003: 3) uma ideia tão fortemente enraizada que parece sempre haver existido, tornando impossível qualquer objeção, contestação ou visão diferente. Ao se falar em "história do negro no futebol", poder-se-ia dizer que essa história é contada pelo "outro" (Gilberto Freyre, neste caso) e isso significa que o discurso ou determina o lugar de onde devem falar os negros ou não lhes dá voz (ORLANDI, 1990: 50-52).

Neste contexto teórico, o modelo de "imaginar a nação brasileira", proposto por Gilberto Freyre, pretendia resolver o problema da integração dos imigrantes e dos afro-brasileiros politicamente emancipados, mas socialmente segregados: criar, nasquelas pessoas, o sentimento de fazer parte da nação. A imagem, oferecida por Freyre, da superioridade do mulato sobre os "rígidos" europeus encontrou sua expressão na oposição Dionísio/Apolo, onde o mestiço (mulato) representaria o artil e lúdico estilo tropical de astúcia, capaz de superar o rígido e disciplinado modelo europeu. O futebol forneceu um poderoso meio de fomentar, na população brasileira, o sentimento de "pertencer", e difundiu as ideias de Gilberto Freyre a respeito de uma bem-sucedida,

vitoriosa e, por conseguinte, “superior” sociedade mulata. Esse pensamento foi imbutido de um conteúdo nacionalista e se tornou altamente funcional no processo de “imaginar a comunidade”.

Ao adjetivar os povos, Gilberto Freyre exclui a possibilidade de que pessoas X possam ter as características das pessoas Y. Em outras palavras, ele não afirma explicitamente que os brasileiros são indisciplinados, desordenados. No entanto, ele faz tal afirmação quando descreve e referencia, de forma oposta, os europeus. Os europeus teriam um jogo racional, devido à sua "organização", enquanto os brasileiros têm uma maneira "diferente" de jogar, o que representa a desorganização do país e de sua cultura afro-brasileira. Em resumo, silêncio dado às qualidades relacionadas com "racionalidade", "cálculo" e "ordem", no futebol brasileiro, reflete a mesma opinião no que diz respeito à estrutura de sua sociedade.

Existe, no entanto, o chamado «discurso do silêncio» na obra de Gilberto Freyre, isto é, aquele discurso onde “é preciso não dizer para poder dizer” (ORLANDI, 1990: 52). Por exemplo: quando se diz que os jogadores de futebol do Brasil (leia-se o povo brasileiro) têm um estilo de jogar “inconfundivelmente, distintamente nosso” e que o estilo europeu é “calculado, ordenado, matemático, apolineamente britânico”², não se pensa no brasileiro como um povo disciplinado, de ordem. Ou ainda, quando se diz que “eles [africanos ou afrodescendentes] são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo” (FREYRE, 2001: 182-184), não se pode considerá-los “sérios”, “racionais”.

A aparência dos ídolos mulatos e a distinção que opera na avaliação sobre o jogo é importante na medida em que mostra como, entre diversas possibilidades, procurou-se indicar e definir um estilo concreto, uma maneira de jogar que seria "verdadeiramente brasileira". Nenhum processo de construção da identidade é frequentemente capaz de se sustentar sem a presença dos "ídolos", "estrelas" ou "heróis" que representam a glória da comunidade, ultrapassando os limites da condição humana.

No Brasil, a popularização e difusão maciça das práticas do futebol, paralelamente às mudanças organizacionais e estruturais, foram realizadas através da construção de ídolos mulatos. E é uma virada brusca que levou os "não-brancos" da

² Gilberto Freyre, «Futebol desbrasileirado?», extraído do *Diário de Pernambuco*, 30--6-1974, p. 6.

estigmatização a serem considerados heróis, os representantes da "brasilidade". É possível ser apreciado até o ponto de construção da nacionalidade brasileira inclinada no espetacular desempenho dos corpos negros/mulatos.

O sistema político brasileiro, durante o processo de construção nacional, apressou-se em gerar espaços de visibilidade, movimento e ilusão entre os setores potencialmente perigosos para seus interesses, enquanto, simultaneamente, perpetuava a elite político-econômico-intelectual, que se manteve intacta. No centro dessa situação a "mestiçagem", que constitui o bastião simbólico da nação, também aparece como uma espécie de mediação entre os diferentes pontos, e é elevada (como a ideologia da pacificação) à resolução de conflitos. A ideia do "mulatismo flamboyant", criada por Gilberto Freyre no artigo de 1938, tem sido usada para tentar suavizar os conflitos interraciais em uma sociedade extremamente polarizada. Sob essa perspectiva, o "mulato" funciona muito mais como um estereótipo a ser exportado do que como um ideal de pacificação interna.

À primeira vista, pode-se crer que o discurso de Freyre sobre o negro e o mulato fosse de enaltecimento ou que Freyre buscasse, de alguma forma, o brasileiro perfeito, um mulato eugênico. Em 1976, Gilberto Freyre escreveu uma nota para a 2ª edição de "Ingleses no Brasil". Vale a pena reproduzir aqui, em destaque, um trecho sobre a mudança dos praticantes do futebol no Brasil:

"[...] a princípio, brasileiros anglicizados e eles próprios nativos com alguma coisa de britânicos no porte e na aparência [...]; depois, crescentemente, de morenos de vários graus, até a desanglicização culminar no admirável Pelé, depois de ter reluzido em Leônidas".

É curioso que o processo descrito é o inverso do que propunha a teoria eugênica do "branqueamento". Assim, o propósito e o produto da mistura de raças deveriam ser, por conseguinte, "escurecer" os brancos tanto cultural quanto espiritualmente. O futebol então seria a representação explícita do desempenho perfeito de uma "raça" ideal. E é em épocas de Copa do Mundo que o discurso sempre retorna com mais força.

Essa afirmativa deriva do fato de que o futebol é, efetivamente, um evento aglutinador de emoções, parte da construção do espírito nacional. É sempre durante os maiores eventos do futebol (copas do mundo, etc.) que as avaliações são mais

plausíveis, quer para os atos de heroísmo, quer para os insucessos, fracassos e falhas no desempenho esperado. Por ser uma questão nacional, quando a seleção brasileira de futebol sofre um insucesso em competições importantes, tende-se a procurar culpados e muitas vezes o “estilo” apresentado e derrotado é questionado. Não raras vezes criticado por não ser “o verdadeiro estilo brasileiro”.

Após a eliminação da seleção brasileira na Copa de 1990 (derrotada pela Argentina), a chamada “Era Dunga”³ foi duramente criticada. E a imprensa reagiu desta forma:

“Não deu certo a tentativa de esquematizar o futebol brasileiro, abrindo mão do talento natural e do improviso, em benefício de um padrão mais rígido, de marcação, ao estilo europeu. O Brasil acabou na desclassificação [...] A era Dunga não chegou [...] O proveito da derrota passa pela necessidade do reexame desses conceitos de futebol-força”⁴

Alguns grupos sociais, num contexto desse tipo, apropriam-se das imagens disponíveis na cultura e as reempregam (com originalidade ou não) para caracterizar as magnanimidades e os malogros. Logo, tudo que se discute e comenta a respeito do futebol no Brasil é carregado de significado avaliativo, condutor de vestígios de discriminação, julgamento, distinção, preconceito ou tabu.

Não é exagero dizer que os textos de Freyre também inauguraram uma tradição de estudos culturalistas nas Ciências Sociais a respeito do futebol. Mais à frente, é muito claro que seu pensamento influenciou e vem influenciando a crônica esportiva brasileira, basicamente inventada por escritores como Mário Filho e Nelson Rodrigues (amigos de Gilberto Freyre). Essa tradição chega aos nossos dias em obras de autores como Roberto DaMatta, José José Leite Lopes, Simoni Guedes, Jorge Antônio Soares, José Miguel Wisnik e outros que, adotando ou atendendo as idéias de Freyre, estão engajados em um diálogo com ele sobre o que foi chamado de “Foot-ball mulato”. Isso mostra a importância e a perenidade deste tema.

Com uma análise mais aguda, pode-se perceber a invenção da ideia sobre o que é “o brasileiro” por meio do discurso de Freyre a respeito do futebol. Sua concepção do

³ Dunga, jogador da seleção brasileira em 1990, foi a imagem do “estilo europeu”. Quatro anos depois sagrou-se campeão do mundo como capitão da equipe.

⁴ Jornal *O Dia*, 25-6-1990, p. 3.

que é ser "brasileiro" criou um *slogan* que permaneceu válido durante todo o século XX. E ainda é assim hoje! E essa ideia será, uma vez mais, repetida durante os jogos de futebol na Copa do Mundo de 2014, a ser realizada no país do "mulatismo flamboyant".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, B. *Comunidades Imaginadas*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BELLOS, A. *Futebol, the Brazilian way of life*. London: Bloomsbury, 2002.

CALDEIRA, JORGE, Uma Nação Global, 2005. Ministério das Relações Exteriores.

Disponível em:

<<http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/consnac/nacglob/apresent/apresent.htm>> Acesso em: 07 nov. 2005.

CAPUCHINHO, C. Brasil vive ilusão da democracia racial, 2005. Disponível em <<http://noticias.usp.br/canalacontece/artigo.php?id=3066>> Acesso em: 19 abr. 2005.

COUTINHO, E. *Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

DA MATTA, R. Brasil: futebol tetracampeão do mundo. **Pesquisa de campo**, n. 1. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, p.7.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madrid: Fondo de la Cultura Económica, 1992.

FILHO, M. (1947). *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª. edição, 1964.

FIGUEIROA, Fred. A Invenção do Futebol-Arte. **Diário de Pernambuco**, Recife, 07 set. 2003, p. 3.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

FREYRE, G. (1933). *Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*. 7ª edição. São Paulo: José Olympio Editora, 1952.

FREYRE, Gilberto. Ainda a propósito de futebol brasileiro. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 25 jun. 1955, p. 3.

FREYRE, Gilberto. Futebol desbrasileirado? **Diário de Pernambuco**, Recife, 30 jun. 1974, p. 6.

FREYRE, G. O que é Museu do Homem? Um Exemplo: Museu do Homem do Nordeste Brasileiro. **Coleção Fundação Joaquim Nabuco**, editado pela Fundação Joaquim Nabuco. Recife: 1980.

FREYRE, G. (1942). *Ingleses no Brasil*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FREYRE, G. (1947). *Interpretação do Brasil*. Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOULD, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HARRIS, M. (1988). *Culture, people, nature: an introduction to general anthropology*. 6ª edição. New York: Harper Collins College Publishers, 1995.

HELAL, R.; LOVISOLO, H.; SOARES, A. J. *A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Manuad, 2001.

HYLTON, K. *'Race' and Sport: Critical Race Theory*. Oxon: Routledge, 2009.

HOBBSAWM, E. (1990). *A Questão do Nacionalismo: Nações e nacionalismo desde 1780, programa, mito, realidade*. 2ª edição. Lisboa: Terramar, 2004.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Malden, MA: Blackwell, 1991.

MACIEL, M. E. 'A Eugenia no Brasil'. *Revista Anos 90*, n°11. 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1999.

NIETZSCHE, F. *The Birth of Tragedy and the Genealogy of Morals*. New York: Doubleday Anchor Books, 1956.

ORLANDI, E. P. *Terra à Vista: Discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

RIALTO, Jorge (Gilberto Freyre). Fair Play. **A Província**, Recife, 19 dez. 1929, p. 3.

SCHWARCZ, L. M. (1993). *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SKIDMORE, T. S. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

WISNIK, J. M. *Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.